

Edição nº 3749

Terça-feira

21 de Julho de 2015

WWW.SMABC.ORG.BR

# Tribuna Metalúrgica



— — — — — ESPECIAL GOLAS VERMELHAS - 25 ANOS — — — — —

"O COMPORTAMENTO DA  
IMPrensa FOI O ÚNICO  
QUE NÃO MUDOU"

Tribuna  
Metalúrgica

CUT

DIÁRIO  
ANO XI  
Nº 1.750  
27/07/90  
Tiragem: 50 mil

ROBERTO PARIZOTTI



A afirmação é do presidente do Sindicato e gola vermelha, Rafael Marques, na análise sobre as mudanças nas relações capital e trabalho ao longo de 25 anos desde a greve na Autolatina.

# GREVE DOS GOLAS VERMELHAS APRESENTOU UMA SOLUÇÃO AOS TRABALHADORES E AO PAÍS: O RESPEITO

FOTOS: ROBERTO PARIZOTTI

**D**urante 50 dias, entre junho e julho de 1990, os trabalhadores na montadora Ford, em São Bernardo, protagonizaram umas das mais simbólicas greves da história dos metalúrgicos do ABC, na qual a intransigência da empresa norte-americana levou à radicalização do processo e à solidariedade da categoria.

Mesmo os metalúrgicos tendo ousado desafiar a ditadura militar, no final da década de 70, nunca a luta de classe esteve tão explícita quanto na Greve dos Golas Vermelhas, como o movimento foi batizado, em referência aos uniformes dos trabalhadores do setor de Manutenção e Ferramentaria.

“Havia um ambiente político difícil porque o Lula tinha sido derrotado em 1989 e o Collor tinha sido eleito com a imprensa comercial exercendo uma forte influência sobre o eleitorado”, relembrou o presidente do Sindicato e gola vermelha, Rafael Marques.

“A nossa greve foi tratada do mesmo jeito, como se fôssemos bandidos, como se não houvesse gente séria trabalhando na Autolatina [fusão entre Volks e Ford de 1987 a 1996], como se não existissem dirigentes sérios no Sindicato”, criticou.

E prosseguiu: “os trabalhadores sentiram naquela época o mesmo que o Lula sentiu nas eleições, de como a imprensa comercial trata, inverte, engana, cria um cenário hostil para um lado e defende outro. Isso não mudou no Brasil”.

Para Rafael, as relações de trabalho melhoraram muito desde então, com os patrões, o governo e a sociedade.

“Quem até hoje não mudou seu comportamento foi a mídia. Parece que sempre terá um metalúrgico do ABC como alvo”, lamentou.

A greve de todos os 900 operários do setor de manutenção e ferramentaria inaugurou a estratégia adotada pelos Metalúrgicos do ABC para a campanha salarial daquele ano, com paralisações em pontos vitais das empresas.

A campanha do Sindicato calculava uma inflação de 166,9% e considerava os 11,42%, oferecidos pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp, como esmola aos trabalhadores.

Em 29 de junho, em assembleia, a categoria aprovou por maioria o acordo fechado entre os Metalúrgicos do ABC e a Fiesp, com reajuste de 59,11%.

Mas na Ford ainda havia uma questão pendente: a demissão de 100 golas vermelhas, entre eles o atual presidente do Sindicato, Rafael Marques, e o afastamento dos diretores sindicais João Ferreira Passos, o Bagaço; e José Arcanjo de Araújo, o Zé Preto; que também integravam a Comissão de Fábrica à época.

A decisão da Ford de demitir os trabalhadores, uma semana antes do encerramento da campanha salarial, gerou revolta nos companheiros do chão de fábrica e fez com que o pessoal do setor de manutenção e ferramentaria entregassem suas carteiras funcionais em sinal de protesto.

Os trabalhadores, que não estavam em greve, mas apoiavam o movimento, decidiram doar 10

horas de trabalho para pagar o salário daqueles que estavam na linha de frente do processo.

A Greve dos Golas Vermelhas caracterizou-se por essa consciência do coletivo. A visão estratégica transformou-se em posição ideológica e de enfrentamento de classes, com decisões claras sobre a luta que pretendiam travar.

Para cada ação de endurecimento da fábrica, uma ação de resistência era disseminada pelos trabalhadores.

Em 20 de julho daquele ano, a Ford suspendeu o pagamento do adiantamento salarial de todos os 7.400 trabalhadores, sem distinção.

A reação dos metalúrgicos foi imediata: depredaram e incendiaram as dependências da fábrica.

Os dirigentes sindicais foram chamados. A polícia também.

O objetivo de desarticular o chão de fábrica teve efeito contrário; aumentou a solidariedade e ampliou o seu alcance de mobilização para além dos muros da empresa.

A tensão aumentava. No dia 26 de julho, pela manhã, os trabalhadores encontraram a fábrica cercada pela tropa de choque da Polícia Militar.

A interferência e firmeza das lideranças sindicais e locais evitaram o confronto. A ação foi reconhecida e o diálogo entre o Sindicato e a Ford foi retomado.

“A Greve apresentou uma solução aos trabalhadores e ao País, que o que vale em uma relação é o diálogo, é o respeito mútuo”, completou o presidente.

As negociações levaram à readmissão de 80 trabalhadores e à reintegração dos membros da Comissão de Fábrica e da Cipa, entre outras garantias. Os demais 20 operários saíram por um programa de demissão voluntária.

O preço pago pelo movimento foi o afastamento da fábrica dos diretores Bagaço e Zé Preto, porém com a garantia de manutenção de seus pagamentos.

Em 30 de julho de 1990, os trabalhadores na Ford aprovaram o acordo e encerram a Greve dos Golas Vermelhas.



## O MOVIMENTO REVIVIDO PELAS LIDERANÇAS

“A Greve dos Golas Vermelhas nasceu no Bar da Rosa. Estávamos conversando eu, o Isawa e o (Nilton) Rossi, que falou: - Por que não fazemos uma paralisação com os ferramenteiros, o pessoal da manutenção e parte elétrica. Isso pararia a fábrica toda?

A ideia, pelas contas que nós fizemos, era do pessoal ficar em greve e quem estivesse na ativa bancar. E o nosso pessoal bancaria tudo. O primeiro pagamento deu, o segundo quase, só não deu porque a Ford interview, e quando foi no terceiro, a Ford suspendeu o pagamento do pessoal que não estava na greve. Foi aí que desencadeou a revolta dos trabalhadores. A reação foi aquela, eles não tinham outra. E com razão... Recebemos a solidariedade do mundo inteiro quando a PM invadiu a Ford. Foi o dia 'D'. Eles estavam dentro e a peãozada fora, se entrassem, iam morrer policiais para caramba. Porque o peão sabia como andar lá dentro, e a polícia não sabia quais corredores iam para onde. Se entrassem na usinagem eram peças imensas, que poderiam virar armas em um conflito”, João Ferreira Passos, o Bagaço.

"Senti ter saído da fábrica e continuo sentindo porque o Sindicato é a minha casa. Eu ajudei a construir a democracia e o Sindicato que está aí hoje, bonito, lindo. E se temos um grupo de jovens que eram da minha época é porque eu contribuí para esses garotos virem para a luta, como o Rafael, o Colombo, o Barba. Eu fico muito contente em ver o trabalho que fiz

com muito sacrifício e, talvez, nem seja tão reconhecido pelos companheiros, mas temos nesta sementinha que eu plantei os frutos que estão dentro da minha casa e, por isso, junto comigo. Quando vejo o Rafael como presidente do Sindicato, tenho certeza que o meu sacrifício valeu a pena”, José Arcanjo de Araújo, o Zé Preto.



## OS GOLAS AZUIS NA GREVE

“Os trabalhadores na produção, os golos azuis, não faziam parte da greve e, portanto, recebiam normalmente seus pagamentos. No dia 20 de julho era o adiantamento dos horistas e a empresa decidiu suspender o pagamento. O primeiro conflito aconteceu à noite e se repetiu durante o dia por mais duas vezes. Esses conflitos não foram organizados, foi uma atitude espontânea. A Greve dos Golas Vermelhas ficou famosa e deu muita visibilidade ao pessoal da manutenção e da ferramentaria e até hoje se fala sobre isso. Os golos vermelhas têm todo o mérito de terem feito uma greve extremamente organizada, com a militância muito coesa, com a unidade do movimento muito forte, o comando com bastante controle, mas o que chama a atenção sobre a Greve, no entanto, é o que não foi feito pelos golos vermelhas. O que chamou a atenção da imprensa e do governo foi a radicalização dos trabalhadores e essa radicalização foi feita pelos golos azuis. Com todo o mérito que merecem e não pode ser tirado dos golos vermelhas”, Tsukassa Isawa, líder dos golos vermelhas.

Este era o uniforme usado na época pelos trabalhadores da manutenção e ferramentaria na Autolatina.

A camisa em destaque pertence a João Cayres, hoje secretário-geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, a CNM-CUT

“Um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.”

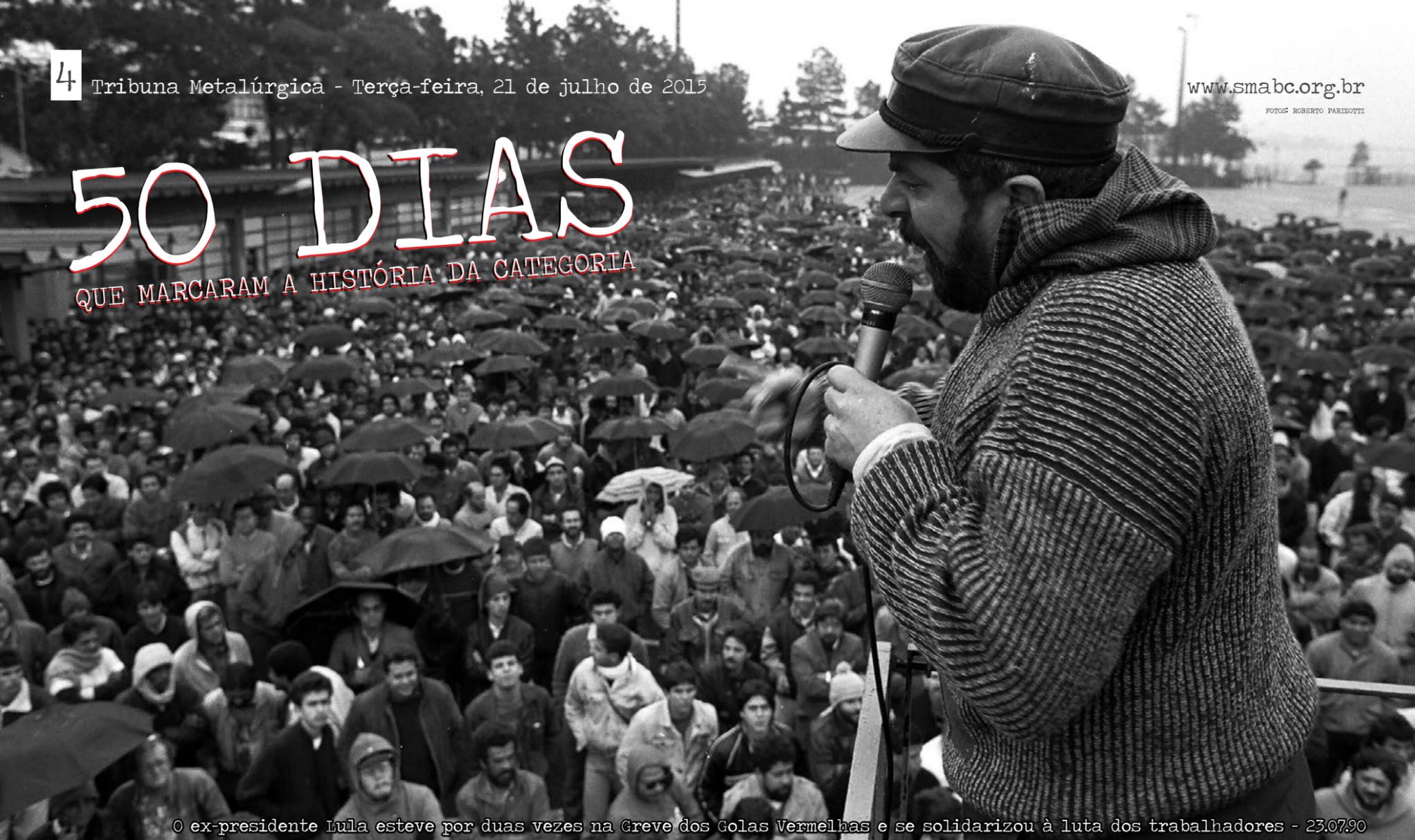
Plínio Marcos (1935-1999)

Há 25 anos, o fotojornalista Roberto Parizotti, o Sapão, guarda em seu acervo pessoal mais de mil imagens sobre a Greve dos Golas Vermelhas. No ano passado, ele presenteou o presidente Rafael Marques com um quadro do dia 'D' da greve. A memória dos Golas também foi registrada pelo cinegrafista e supervisor de operações da TV dos Trabalhadores, a TVT, Josimar Alves Bezerra, o Banana, em mais de seis horas de gravações ainda inéditas. O acervo digital do Sindicato pode ser acessado pelo <http://goo.gl/ZehqBu>



# 50 DIAS

QUE MARCARAM A HISTÓRIA DA CATEGORIA



O ex-presidente Lula esteve por duas vezes na Greve dos Golas Vermelhas e se solidarizou à luta dos trabalhadores - 23.07.90

No dia 20 de julho de 1990, a empresa suspende o pagamento de todos os trabalhadores e provoca a revolta dos companheiros - 21.07.90

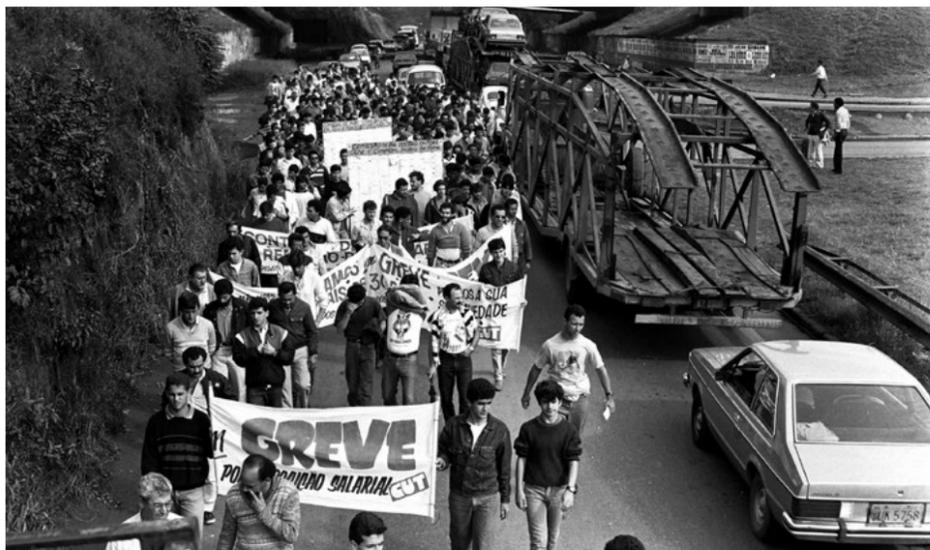


Milhares de trabalhadores acompanhavam as assembleias todos os dias e recebiam as orientações dos dirigentes - 25.07.90



Os golos colocam as carteiras funcionais à disposição em sinal de protesto pela demissão de 100 companheiros - 26.06.90

Os 900 golos vermelhas em greve recebem 31 horas doadas pelos companheiros do chão de fábrica - 09.07.90



No 38º dia de greve, os trabalhadores de manutenção e ferramentaria caminham até o Centro de Suprimentos da Autolatina - 18.07.90



O presidente do Sindicato, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, fala aos trabalhadores durante assembleia - 24.07.90